

O BRASIL REFLETIDO EM LITERATURA FEMININA E IMIGRANTE¹

Celeste Ribeiro de Sousa*
celeste@usp.br
Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo recupera e analisa a produção literária de Ida Knoll (1835–1919), uma das primeiras escritoras imigrantes de língua alemã a publicar no Brasil. A partir de manuscritos e textos dispersos em jornais e almanaques raros, apresenta-se uma literatura frequentemente esquecida, marcada por temas como a saudade da terra natal, o contraste entre as paisagens do Brasil e da Alemanha, os costumes festivos, o cotidiano das colônias germânicas e os choques culturais vivenciados pelos imigrantes. Por meio de contos e poemas, Knoll constrói imagens multifacetadas do Brasil do século XIX e início do XX, refletindo tanto a idealização da pátria perdida quanto a tentativa de adaptação ao novo mundo. Sua obra, escrita em alemão e posteriormente traduzida, revela um olhar sensível e crítico sobre as tensões sociais, as desigualdades de classe e as dinâmicas de pertencimento. O presente estudo propõe que essa literatura imigrante feminina constitui importante testemunho histórico e estético, além de oferecer uma perspectiva singular da construção cultural do Brasil por meio da lente de mulheres estrangeiras.

Palavras-chave: imagologia; literatura feminina; Ida Knoll.

1 Introdução

Uma literatura esquecida, em vias de desaparecer, frequentemente registrada em caracteres góticos em anuários/almanaques e em jornais, dá testemunho de um Brasil *sui generis*, diverso, heterogêneo, um Brasil de indivíduos imigrantes, divididos entre dois mundos principais – o natal e o de adoção – e habitando um terceiro em construção, no afã do restabelecimento de laços de pertença. Como digo na introdução ao livro *Contos de imigrantes alemães*, organizado por José Luís Félix (2022, p. 26-28):

As colônias formadas pelos imigrantes de língua alemã no país, depois da construção dos meios de subsistência física, passam a exigir não só colonos, mas também diretores, médicos, mestres-escola, pastores e

¹ Este artigo está baseado no e-book por mim escrito *Ida Knoll (1835-1919): vida e obra* (2024).

* Professora Sênior de Literatura de Língua Alemã na Universidade de São Paulo (USP), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da FFLCH-USP. Doutora e pós-doutora pela mesma instituição, com formação complementar na Universität zu Köln (Alemanha). Fundadora e coordenadora do grupo de pesquisa RELLIBRA (USP/CNPq), atua nas áreas de literatura alemã, literatura comparada, imagologia e estudos culturais.

padres, jornalistas e imprensa, e logo começam a preocupar-se com a manutenção de laços de pertença, quer dizer, com fundação de igrejas, de escolas, de clubes, de jornais, de anuários/almanaque e outros. Os jornais e os anuários, para além das notícias sobre a vida prática nas mencionadas colônias, investem também em cultura e, neste campo, abrem espaço para a poesia e para a narrativa. Percebem seus diretores a função insubstituível da literatura na aquisição e manutenção do conhecimento, no equilíbrio social e psíquico dos colonos, quase todos eles alfabetizados. Os textos literários funcionam como espelhos em que o grupo se vê refletido e se reconhece como grupo, o que oferece coesão e segurança. No começo, eram textos provenientes da literatura canônica de língua alemã, também de literatura brasileira traduzida para o alemão [...]. Depois, os próprios imigrantes começam a produzir sua [própria] literatura e a publicá-la nos jornais e anuários. Também criam obras extensas, publicadas em brochuras nas editoras associadas com a impressão dos jornais. O teatro não falta. Esses textos merecem atenção tanto pelas imagens, que traduzem o desenvolvimento do Brasil visto de uma perspectiva *sui generis*, quanto pela realização estética que alguns alcançam. Registram eles vozes de todos aqueles que tomaram parte na defesa das fronteiras do Brasil, no povoamento do país, a conquista de terra agricultável à floresta, na paulatina urbanização dos primeiros assentamentos com estabelecimentos de comércio. Registram também as vozes dos colonos desiludidos com as condições inhóspitas encontradas, longe das promessas feitas; as vozes dos colonos vitoriosos apesar de todas as dificuldades; as vozes dos choques com a cultura brasileira e sua assimilação. O legado literário dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil constitui um subsídio relevante para a história da construção do país (Ribeiro-de-Sousa, 2025, p. 26-28).

2 Ida Knoll

Entre os primeiros imigrantes de língua alemã no Brasil, sobressai uma mulher, uma das primeiras a escrever e a publicar em terras brasileiras sua literatura: Ida Knoll, numa época em que arte de escrever era reservada aos homens.

Ida Knoll, nascida Monk, veio ao mundo em 06 de outubro de 1835, na cidadezinha de Kronberg nas proximidades das florestas do Taunus, no hoje Estado alemão de Hesse. Até 1866 a cidade pertencia ao Ducado de Nassau, ano em que foi integrada ao reino da Prússia, que em 1871 haveria de liderar a formação do *Kaiserreich* (Segundo Império). Ida Knoll era filha do professor Georg Josef Monk e de Margarete Monk, nascida Gerstner. Casou-se com Christian Knoll, também professor. Ainda em Kronberg nasceram os filhos do casal: Georg, Ferdinand e, Ida Knoll. Alguns anos depois, a família mudou-se para Frankfurt am Main, e nesta cidade Ida ficou viúva. Então, grandes dificuldades advieram, e ela decidiu em 1880, aos 45 anos, emigrar para o Brasil, especificamente para Santa Catarina. Aqui já se

encontrava seu filho mais velho, Georg, que por causa de severos problemas respiratórios fora aconselhado a procurar um clima mais quente (Franco, 2008).

No Brasil, Ida Knoll passou a ser professora na colônia, tendo-se dedicado igualmente à literatura, tanto à poesia quanto à prosa.

Ida Knoll faleceu em 29 de junho de 1919 em Florianópolis/SC com 84 anos.

Não foi tarefa fácil reunir narrativas e poemas desta escritora, nascida em 1835, publicados em jornais e “Kalender” (anuários/almanaques) raríssimos em arquivos de difícil acesso. Três manuscritos foram localizados no Arquivo do Instituto Martius-Staden. Outras narrativas e poemas foram encontrados por Thomas Gernot Keil, colaborador do Projeto LIBEA (Literatura Brasileira de Expressão Alemã), que coordeno, e que gentilmente as colocou à disposição. Hoje, já é possível acessar o e-book *Ida Knoll (1835-1919): vida e obra*. Neste e-book, encontram-se disponíveis os dados biobibliográficos da escritora, todos os seus textos originais, agora em alfabeto latino e em tradução para o português, bem como os resumos comentados das obras e sua fortuna crítica.

Ida Knoll publicou suas criações poéticas tanto em Anuários/Kalender (*Rotermund- Kalender, Musterreiter's neuer historischer Kalender, Der Volksbote. Kalender für die Deutschen im Staate Sta. Catharina, Der Kompaß*) como em jornais (*Koseritz' Deutsche Zeitung, Die Volkszeitung, Joinvillenser-Zeitung, Germania, Kolonie-Zeitung*) e outros veículos (*Hausfreund*).

A obra de Ida Knoll aqui apresentada evidencia cinco grandes temas: a saudade da pátria alemã, os costumes de Natal na Alemanha e no Brasil, a paisagem brasileira em contraposição à alemã, a vida nas colônias de idioma alemão, preconceitos oriundos do choque entre as duas culturas diferentes.

Os poemas, por exemplo, giram predominantemente em torno da saudade da pátria alemã das mais variadas maneiras. Ora são saudades dos antepassados que lá “dormem” abandonados, pois o eu-do-poema está distante e não pode visitá-los, enfeitar-lhes o túmulo no dia 2 de novembro. É o caso de “Dia de finados” (Allerseelen) de 1901, publicado no *Kolonie- Zeitung* de Joinville; também no *Musterreiter's neuer historischer Kalender* de Porto Alegre, em 1903; também no *Rotermund-Kalender* de São Leopoldo, em 1904; e também no *Die Volkszeitung* de Blumenau, em 1930:

[...]

Da Alemanha há muito e para longe deslocada, voltei-me agora solitária a
 Querer hoje levar piedosamente um ramo de flores ao cemitério;
 E a um aí adormecido o deporei com delicadeza sobre seu túmulo,
 Assim, os meus lá além-mar sentirão que eu neles pensei.

[...];

[...]

Aus Deutschland längst weltweit verschlagen, nun wandte ich einsam dahin,
 Will's Blumengewinde heut' tragen zum Friedhof in gläubigem Sinn;
 Und einem Schläfer dort oben, dem leg ich es sanft auf sein Grab,
 Dann fühlen die Meinen doch droben, dass ich auch gedacht ihrer hab.
 [...]

Ora é a vivência da estranha noite de Natal em clima tórrido e a recordação da inigualável noite natalina em terras alemãs em “A noite de Natal da vovó no estrangeiro” (Großmutters Christnacht in der Fremde) de 1901, publicado no *Kolonie-Zeitung* de Joinville e, também em 1903, no *Musterreiter's neuer historischer Kalender* de Porto Alegre:

Véspera de Natal hoje! É o que a avó tem em mente
 E balança suavemente a velha cabeça prateada:
 “Se não constasse do calendário,
 Com certeza, eu nem teria acreditado.

[...];

Christabend heut! Großmutter spricht's im Sinnen
 Und schüttelt leis das alte Silberhaupt:
 „Ja, ständ' es nicht in dem Kalender drinnen,
 Fürwahr, ich hätte nimmer es geglaubt.

[...]

Ora é a abundância das colheitas no Brasil comparada à da Alemanha em “O colono e seu filho” (Der Kolonist und sein Sohn) de 1924, publicado na revista semanal *Hausfreund* de São Paulo:

Pai, você não vê o rebanho
Indo aqui para as pastagens?
Madurando em terras do Brasil
Suas sementes sazonadas?
Você já possuiu tanto assim
Lá, onde foi seu berço
Que você não consegue nunca
Esquecer aqui sua pátria alemã?
[...];

Vater siehst du nicht dir Herde,
Hier auf deine Weiden gehen ?
Reifend in Brasiliens Erde,
Deine reifen Saaten stehn?
Hast du denn so viel besessen,
Dort wo deine Wiege stand,
Dass du nimmer kannst vergessen,
Hier dein deutsches Vaterland? [...]

Ora é o confronto entre as singularidades da paisagem alemã e a paisagem brasileira em “Saudade” (Heimweh) de 1935, publicado no *Anuário Rotermund* de São Leopoldo:

[...]
Se a mais bela paisagem se desvela
Em pleno esplendor do Sul,
Então, logo o mais lindo cenário natal
Se abre num riso diante de meus olhos,
E se as folhas das palmeiras rumorejam
Ao fresco vento da manhã
Na casa paterna penso ser
A minha velha e enorme tíbia.
[...];

[...]
Zeigt sich das schönste Landschaftsbild
In Südens hoher Pracht,
Dann gleich ein liebes Heimgefild
Vor meinen Augen lacht,
Und rauschen Palmenwedel draus
Im frischen Morgenwind,

Mir deucht, es sei im Vaterhaus
 Die alte große Lind.
 [...]

Ora é a sequência encantadora das estações do ano no Norte frente a uma paisagem sulina nos trópicos em “Norte e Sul” (Nord und Süden), de 1935, publicado no mesmo *Anuário de São Leopoldo*:

Deleitados, extasiados, ouviam de boca aberta,
 Como se de longe a mãe lhes desse notícias de terras, de povos
 Das zonas sempre quentes, sem invernos, sempre tórridas,
 Onde à sombra de altas palmeiras vive gente de tez escura,
 Onde nas eternas noites selváticas magníficas armadilhas de cipós
 Em balanços se transformam e, neles, aos gritos papagaios coloridos
 reboleiam,
 E o duende no mundo animal, macaquinho, que ganhou o coração
 Das crianças no mercado com suas brincadeiras, pulos e graças,
 Nas árvores gigantes da selva ele é visto centenas de vezes de lá para cá,
 Saltando, escalando, inalcançável, fugindo do arco do caçador.
 Dourada, a laranja acena aos abacaxis e figos amadurecidos,
 Cocos e bananas são peculiares desta terra exuberante,
 Café, arroz e também o açúcar, o seu grande favorito.
 Aí, onde o sol é mais dourado, a lua resplandece em menor brilho.
 No sul do céu lá está a cruz coroada de estrelas,
 E nessas terras amenas, igual a crianças, livres, descuidadas,
 Em pleno seio da natureza vivem gentes tão bem seguras.
 [...]
 Douradas maçãs, peras suculentas, os celeiros ele enche até acima.
 Das uvas prenhes de suco ele faz brotar dourado vinho,
 Os copos cheios tilintam alegres no festim da romaria.
 Antes de partir ele ainda providencia sabiamente bem aquecidos cômodos,
 Espanta as crianças do beco, todas as meninas e os meninos.
 Rugindo, o inverno se aproxima nas asas ásperas do vento norte,
 Com a autoridade do tirano ele toma as rédeas do poder,
 Rápido, a terra se despe e as folhas caem das árvores,
 O céu tinge-se de cinza escuro, névoas úmidas e frias flutuam pelo ar.
 De repente, pequenos flocos brancos despencam das nuvens,
 Envolvem numa mortalha branca os membros enrijecidos da terra.
 Mas nos salões da casa a primavera não se perde;
 [...]

Wonneschauernd, lustdurchdrungen lauschten sie mit offenem Munde,
 Wie von Ferne, Ländern, Völkern, ihnen gab die Mutter Kunde,
 Von den immer sonndurchglühten, winterlosen, warmen Zonen,
 Wo in hoher Palmen Schatten dunkelhäutige Menschen wohnen,
 Wo in ew gen Urwalds nächten prächtige Lianenschlingen
 Schaukeln bilden, drin sich, schreidend, bunte Papagaien schwingen,
 Und der Kobold in der Tierwelt, Äffchen, das der Kinder Herzen
 Auf dem Jahrmarkt hat gewonnen, durch sein Spielen, Hüpfen, Scherzen,
 Auf des Urwalds Riesenbäumen, sieht man hundertfach ihn ziehen
 Springend, kletternd, unerreichbar, vor des Jägers Bogen fliehen.
 Golden winket die Orange, reifen Ananas und Feigen,
 Kokosnüsse und Bananen sind dem üpp gen Lande eigen,
 Kaffee, Reis und auch der Zucker, den zum Liebling ihr erkoren.
 Goldner dort die Sonne strahlet, Mond erstrahlt in hellerm Glanze.
 An des Himmels Süden zeichnet sich das Kreuz im Sternenkranze

Und in diesen milden Landen, Kindern gleich, frei ohne Sorgen,
Der Natur am vollen Busen, lebt der Mensch so wohl geborgen.
[...]
Goldne Äpfel, saft'ge Birnen, füllt bis oben an die Scheune.
Aus der saftgetränkten Traube lässt er goldnen Wein entspringen,
Lustig zu der Kirchweih Schmause die gefüllten Gläser klingen.
Eh er scheidet, sorgt er weise noch für gut gewärmté Stuben,
Scheuchet von der Gass' die Kinder, alle Mädchen und die Buben.
Brausend naht der Winter auf des Nordwinds rauhem Flügel,
Mit dem Machtsspruch des Tyrannen fasset er die Herrschaftszügel,
Rasch entkleidet sich die Erde und der Bäume Blätter fallen,
Düster grau färbt sich der Himmel, nasse kalte Nebel wallen.
Plötzlich fallen kleine weiße Flocken wirbelnd aus den Wolken nieder,
Hüllen in ein weißes Bahrtuch der erstarrten Erde Glieder.
Aber in des Hauses Hallen ist der Frühling unverloren;
[...]

A narrativa *Presentes de Natal. Conto extraído da vida* (Eine Weihnachtsbescheerung. Erzählung aus dem Leben) de 1886, publicado no jornal *Germania* de São Paulo, trata da distribuição de presentes de Natal aos pobres na Alemanha. É costume que pessoas endinheiradas façam campanhas para obter presentes, e, depois, os reunam em um lugar específico para doá-los a todos os que se apresentarem como necessitados. Esses filantropos, entretanto, não fazem doações diretas. Tudo o que conseguem angariar vai para o tal lugar para isso destinado, o local da “Bescheerung”, da distribuição. Os pobres na narrativa são representados pela Sra. Werner, outrora rica, que com a viuvez precoce se vê de repente sem nada para sustentar seus filhos pequenos. Esta senhora, então, enche-se de coragem e bate à porta de dois amigos do marido para pedir ajuda, que não vem, embora seja véspera de Natal. Sempre lhe é recomendado que procure o lugar específico de distribuição de presentes. Frustrada e humilhada, chega a tentar o suicídio. Nas voltas do enredo ficcional, ela acaba por lá chegar e receber a ajuda que procura:

[...] “Mamãe está trazendo o Menino Jesus”, exclamou a pequena Anna de repente, quando um brilho claro de luz entrou pelas frestas da porta. “Ouçam!” então souou uma delicada campainha, e com um doce arrepião os pequeninos viram a porta se abrir, através da qual uma árvore estendia seus galhos todos cobertos de luzes, carregados de muitos doces, maçãs e nozes. E foi o Menino Jesus ou um anjo de olhos brilhantes e braços estendidos que se dirigiu aos pequeninos inertes atrás da árvore carregada por um criado? Sim, foi o anjo que Deus associou às crianças na terra: era a mãe amorosa ofertada novamente como presente. Logo, um fogo alegre começou a crepituar no fogão, e ao redor da árvore de Natal sobre a mesa estavam empilhados os tesouros que uma mão gentil havia concedido na hora certa. Aqui, havia roupas quentes e macias, ali uma grande cesta com comida, lá os brinquedos mais bonitos, e em volta disso os pequenos pulavam na maior felicidade da infância feliz. Mas também havia um

reencontro dessa felicidade no rosto da mãe, que se viu tão milagrosamente resgatada da mais profunda miséria da vida humana. [...] (*Presentes de Natal. Conto extraído da vida*)

[...] „Mama bringt das Christkindchen,“ rief plötzlich die kleine Anna, als ein heller Lichtschein durch die Spalten der Thür blitzte. „Horch!“ da tönte ein feines Glöckchen und mit süssem Schauern sahen die Kleinen die Thüre aufliegen, durch die ein über und über mit Lichtern besteckter, mit vielem Confect, Aepfel und Nüsse beladener Baum seine Zweige hereinstreckte. Und war es das Christkindchen oder ein Engel, der hinter dem von einem Dienstmann vorangetragenen Baum mit glänzenden Augen und ausgebreiteten Armen auf die erstarrten Kleinen zuflog? Ja, es war der Engel, den Gott den Kindern auf Erden zugesellt hatte: es war die wiedergeschenkte liebende Mutter. Bald knisterte ein lustiges Feuer in dem Ofen, um den auf dem Tisch prangenden Christbaum lagen die Schätze aufgethürmt, die eine milde Hand zur rechten Stunde gespendet. Hier waren warme, weiche Kleider, dort ein grosser Korb mit Lebensmitteln, da die schönsten Spielsachen, und darum hüpfen die Kleinen im höchsten Glück der seligen Kindheit. Aber ein Wiedersehen dieses Glückes lag auch auf dem Antlitz der Mutter, die aus dem tiefsten Elend des menschlichen Lebens sich so wunderbar gerettet sah. [...] (*Eine Weihnachtsbescheerung. Erzählung aus dem Leben*).

Que mensagem teria a escritora em mente ao publicar este conto natalino em pleno Brasil de idioma alemão? Fazer lembrar na selva brasileira a civilização?

Uma aquarela linguística introduz a narrativa *O neto: Uma história pascal* (Das Enkelkind: Eine Ostergeschichte) de 1886, publicada no *Jornal da Colônia* (Kolonie-Zeitung) de Joinville; e também no *Jornal Joinvilense* (Joinvillenser-Zeitung) em 1889:

Uma manhã esplêndida de Páscoa havia clareado no céu, quando uma carruagem leve e aberta passou rodando lentamente pela estrada solitária que levava à encosta de uma montanha. Com mão firme, seu único ocupante, um senhor de idade avançada, controlava o destemido cavalo preto, cuja fogosidade e pujança pareciam justificar a grande cautela e atenção de seu dono. O veículo acabara de alcançar a última elevação, e diante dos olhos do viajor espraiava-se a ampla planície da região, em que se podiam avistar numerosas, pequenas e grandes aldeias, por ali espalhadas. De todas as torres, próximas e distantes, os sinos reboavam solememente, um ventinho de primavera ciciava nas copas das árvores, e toda a natureza se juntava à celebração do dia (*O neto: Uma história pascal*).

Ein prachtvoller Ostermorgen war am Himmel aufgestiegen, als ein leichter offener Wagen auf der einsamen Fahrstraße, welche über den Rücken eines Gebirges führte, langsam dahinrollte. Mit fester Hand zügelte dereinige Insasse, ein Herr in vorgerückten Jahren den muthigen Rappen, dessen Feuer und Jugendlust die große Vorsicht und Aufmerksamkeit seines Herrn zurechtfertigen schien. Das Gefährt hatte soeben die letzte Höhe erreicht, und vor den Augen des Reisenden breitete sich die weite Ebene des Maingebietes aus, in der man zerstreut zahlreiche, kleine und große Dörfer erblickte. Von allen Thürmen, nah und fern ertönten feierlich die Osterglocken, ein sanfter Frühlingswind säuselte durch die Wipfel der

Bäume, und die ganze Natur stimmte ein zur Feier des Tages (*Das Enkelkind: Eine Ostergeschichte*).

A trama desta narrativa envolve um velho ricaço de nome Waldau ou Landau (talvez por problemas tipográficos aparece grafado duas vezes Landau e seis vezes Waldau) proíbe o filho herdeiro de se casar com uma moça bem educada filha de um mestre-escola, até que, por acaso se depara com uma criancinha que lhe faz lembrar o próprio filho quando da mesma idade. De fato, essa criancinha é seu neto e esta descoberta acarreta uma mudança total nos sentimentos do velho, que ao conhecer a moça educada, mãe do menino, também muda sua opinião preconcebida. O final é feliz para todos. Trata-se de um caso de preconceito entre classes sociais: gente abastada versus gente de pouco dinheiro, associada a falta de maneiras e de cultura. O amor entre dois jovens não consegue ultrapassar o preconceito. Apenas um milagre pascal o faz. A narrativa *Natal verde. Bosquejo* (Grüne Weihnachten. Skizze) de 1896, publicada no *Anuário Rotermund* (Rotermund-Kalender) de São Leopoldo, também se inicia no meio de uma aquarela paisagística:

Rubro, o sol inclinava seus raios em direção à terra; mesmo na floresta pesava opressivo um calor sufocante. Todos os animais da mata pareciam descansar na hora mais quente do dia, pois reinava um silêncio quase fantasmagórico, apenas interrompido pelo tênué murulhar de um riacho. Então, de repente, um latido alto retinu, um cachorro enorme rompeu pelo matagal, perseguindo aturdido, com faro aguçado, a trilha de uma criatura silvestre ao longo do riacho. Os galhos farfalharam de novo, e um jovem apareceu na margem. Vestindo roupas simples de colono, ele transparecia alguma coisa a mais em todo o seu ser - um homem com educação e inteligente. Rapidamente retirou da cabeça de cachos castanhos o grande chapéu de palha e, depois de se refrescar na água clara, deitou-se no chão ao comprido. [...] (*Natal verde. Bosquejo*).

Glühend sandte die Sonne ihre Strahlen zur Erde nieder, selbst im Urwalde herrschte eine drückende Schwüle. Alle Tiere des Waldes schienen in der heißesten Tagesstunde zu ruhen, denn eine fast geisterhafte Stille herrschte, nur von dem Rieseln eines Baches leise unterbrochen. Da ertönte plötzlich lautes Gebell, ein riesiger Hund durchbrach das Dickicht und verfolgte eifrig längs des Baches die Spur eines aufgescheuchten Wildes. Die Zweige rauschten abermals und ein junger Mann betrat das Ufer. Zwar die einfache Kleidung des Kolonisten tragend, zeigte er ein gewisses Etwas in seinem ganzen Wesen, den Mann von Bildung und Intelligenz. Rasch warf er den großen Strohhut von den braunen Locken und, nachdem er sich an dem klaren Wasser erquickt, legte er sich der Länge nach auf den Boden nieder. [...] (*Grüne Weihnachten. Skizze*).

A moldura externa do enredo contorna, então, o regresso a casa deste colono, que fora espairecer na floresta próxima, o regresso a uma casa bastante simples, rodeada por árvores e rio:

[...] Lá na colina, perto do rio entre duas palmeiras altas, erguia-se a casinha, coberta de folhas, não muito maior do que o galinheiro ao lado. Em um forno subia a labareda rubra, pois sua mulher, jovem, queria fazer bolos de festa. Uma expressão de alegria e de triunfo passou pelas belas feições do homem. “Não quero mais nada: minha esposa e meus filhos não vão morrer de fome. Eu tenho uma grande floresta, e ela me fornece madeira e caça, o rio tem peixes e meus frutos são abençoados pelo céu. Eu já possuo um pequeno rebanho de gado, provavelmente aumentará de ano para ano, e então, quando eu tiver subido por minhas próprias forças, poderei facilmente superar o fato de ter sido rejeitado e ignorado por lá, então talvez eu volte a viajar à terra natal, mas apenas como um estranho, como um desconhecido. [...] (*Natal verde. Bosquejo*).

[...] Drüben auf dem Hügel, dicht am Flusse zwischen zwei hohen Palmen, erhob sich das kleine von Blättern gedeckte Häuschen, fast nicht größer als das daneben stehende Hühnerhaus. Aus einem Backofen stieg die glühende Lohe, denn die junge Frau wollte Festkuchen backen. Ein Ausdruck der Freude und des Triumphes flog über die feinen Züge des Mannes. „Mir fehlt nichts mehr: mein Weib und meine Kleinen haben nicht zu darben. Ich besitze einen großen Wald, und er liefert mir Holz und Wild, der Fluß hat Fische und meine Früchte segnet der Himmel. Schon besitze ich einen kleinen Viehstand, er wird sich wohl von Jahr zu Jahr mehrern, und dann, wenn ich mich aus eigener Kraft emporgearbeitet habe, werde ich es leicht verschmerzen können, daß man mich drüben verstoßen und verkürzt hat, dann werde ich vielleicht noch einmal die Heimat aufsuchen, aber nur als ein Fremder und Unbekannter. [...] (*Grüne Weihnachten. Skizze*).

Nesta casinha, a mulher do colono e os dois filhos pequenos esperam-no e a esposa prepara-se para receber vizinhos que querem experimentar um Natal alemão, adaptado aos trópicos, sem gelo, sem neve:

[...] E com que habilidade e bom gosto eles foram capazes de compensar o que estava faltando, o que era inatingível nessa solidão. Frutos brancos e vermelhos enrolavam-se em fieiras de pérolas pelos galhos verdes, enquanto os mais raros e magníficos cálices florais refletiam a luz das velas ao lado do ouro das laranjas. [...] (*Natal verde. Bosquejo*).

[...] Und wie geschickt und geschmackvoll hatte man das Fehlende, in dieser Einsamkeit Unerreichbare zu ersetzen gewußt. Weiße und rote Fruchtknoten schlängen sich in Perlenreihen durch die grünen Aeste, während die seltensten und prachtvollsten Blumenkelche sich neben dem Gold der Orangen in dem Kerzenschein spiegelten. [...] (*Grüne Weihnachten. Skizze*).

Mas dentro desta moldura há uma narrativa confessional em primeira pessoa: o colono sente-se um rejeitado pela mãe alemã, por isso emigrara, apostava que irá

crescer economicamente e irá voltar à pátria não para voltar a ver a figura materna, simplesmente para visitar a pátria. Entretanto, o poderoso clima de Natal faz o ressentimento ceder, pois ao desejar paz a todos seus visitantes sua voz trêmula sussurra: “Deus a abençoe, minha mãe, e também lhe dê um feliz Natal” (“Gott segne dich, meine Mutter, und schenke auch dir glückliche Weihnachten.”)

Na narrativa *Guilherme, o casca grossa* (Der grobe Wilhelm), de 1902, publicada no Anuário *Der Volksbote* de Joinville, chama a atenção do leitor a ênfase e a preocupação do eu-narrador acerca da imagem da Alemanha e dos alemães, bem como de seus descendentes, a preocupação com a irrepreensibilidade comportamental de todos os sujeitos de língua alemã para que não envergonhem a pátria alemã. A trama gira em volta justamente da mudança de comportamento de uma das personagens, antes um arruaceiro, e depois transformado em um homem de bem no ambiente da colônia em que se organizam bailes ao som da concertina, para aliviar o cansaço dos colonos nas lides agrícolas com distração musical e também para alemães curiosos em visita às comunidades de língua alemã no Brasil.

“Queremos dançar, estamos na Páscoa, isto é, faltam 14 dias, queremos dançar, e você tem que nos oferecer seu salão, ou vamos rebentar a casa inteira sobre sua cabeça”, rugiram todas as gargantas, enquanto todos se voltavam ameaçadoramente para o proprietário como se preferissem começar já agora. [...] Eu não fiz nenhum baile desde então, porque o jeito como era antes me enojava e envergonhava minha germanidade. Que vocês hoje, 14 dias antes, me assaltem como os ladrões e, sendo a maioria, me tenham forçado a mim, um homem sozinho, a ceder o salão para dançarem, mostra que vocês ainda são as velhas pessoas de sempre. Você pode dançar agora, porque eu não vou quebrar a palavra que vocês forçaram, mas minha venda vai ficar fechada por enquanto. Além disso, não sou um desmancha prazeres e não estou indefeso diante de vocês hoje, para que vocês possam pensar que minha proposta de paz vocês conseguiram. Concordo, não apenas hoje, mas em todos os dias de festa futuros, em oferecer bailes aqui, se vocês se comportarem como homens e não como gado. Mas o primeiro que começar uma briga voará porta fora, vocês estão satisfeitos com isso? (*Guilherme, o casca grossa*.)

„Wir wollen tanzen, Ostern, also in 14 Tagen, tanzen und ihr müßt uns Euern Saal geben, sonst reißen wir Euch das ganze Haus über den Kopf zusammen“, so brüllte es aus allen Kehlen, während Alle sich so drohend nach dem Wirth wandten, als ob sie am liebsten jetzt gleich begonnen hätten. [...] „Ich habe seither keine Tanzmusik gehalten, weil die Art, wie es dabei zuging, mich anekelte und ich mich meines Deutschthums schämte. Daß Ihr mich heut vor 14 Tagen wie die Räuber überfallen und als einzelnen Mann in Eurer Mehrheit gezwungen habt, den Saal zum Tanzen zu überlassen, zeigt, daß Ihr noch die Alten seid. Ihr könnt nun tanzen, denn ich breche euch das erzwungene Wort nicht, aber meine Venda bleibt vorerst noch geschlossen. Uebrigens bin ich kein Freudenstörer und stehe Euch heute nicht wehrlos gegenüber, daß ihr denken könnt, meinen Vorschlag zur Güte hättet Ihr wieder erpreßt. Ich willige nicht nur für heute, sondern für alle ferneren Festtage ein, hier Tanzmusik zu halten, wenn Ihr

Euch als Menschen und nicht als Vieh betragen wollt. Der Erste aber, welcher Streit anfängt, fliegt zur Thüre hinaus, seid Ihr das zufrieden? (*Der grobe Wilhelm.*).

A narrativa *Bosquejo de viagem* (Eine Reiseskizze) de 1912, publicada no *Anuário Rotermund* de São Leopoldo, abre-se com uma confissão do eu-narrador, um alemão, que não domina a língua portuguesa: ele está, pela segunda vez, em viagem na colônia Gravatá (perto do Recife), especificamente do “Braço do Norte até o Capivari”. No momento, encontra-se numa venda, a mesma onde na primeira vez fora proibido de entrar, porque, certamente, assim o leitor supõe, normas morais retrógradas e a ele estranhas o ditavam:

[...] a venda, que eu uma vez acusei de falta de hospitalidade, porque as mulheres da casa certo dia, quando estavam sozinhas, se recusaram a me deixar entrar de acordo com os costumes da terra. Eu odiava toda essa região, a qual atravessei com tanta relutância e, portanto, com a maior pressa possível em minha jornada desde o Braço do Norte até o Capivari [...] (*Bosquejo de viagem*).

[...] [die] Venda, welche ich einst der Ungastlichkeit beschuldigte, weil die Frauen des Hauses nach Landessitte bei ihrem Alleinsein mir einmal die Aufnahme verweigert hatten. Verhaßt war sie mir, diese ganze Gegend, welche ich bei meiner Reise vom Braço do Norte zum Capivary so ungern und deshalb mit möglichster Eile passierte. [...] (*Eine Reiseskizze*).

Estamos diante de um preconceito do eu-narrador concernente à região em tela. E daqui em diante, toda a narrativa se desenvolve em torno do modo como esse preconceito é desfeito. Conta esse eu-narrador que foi justamente em frente à venda de ruins recordações que acabou caindo e quebrando um braço. Pois foi aí mesmo que ele foi socorrido e atendido com toda a dedicação pela comunidade solícita, que não falava alemão.

[...] Mas assim que o infortúnio se abateu sobre mim, todos os habitantes me cercaram de tanto amor e cuidado que me envergonho de meu julgamento anterior e procuro expiá-lo com esta narrativa. [...] (*Bosquejo de viagem*).

[...] Doch kaum hatte mich das Unglück betroffen, als auch schon alle Bewohner mich mit einer Liebe und Sorgfalt umringten, daß ich mich meines früheren Urteils schäme und durch diese Niederschrift zu sühnen suche. [...] (*Eine Reiseskizze*).

E foi nesses momentos de repouso que a paisagem sinestésica da colônia diante dos olhos do forasteiro alemão se foi desvelando:

[...] Um carro de bois se aproxima. As rodas maciças que rolam a pesada carroça nunca são lubrificadas e, portanto, cada uma canta à sua maneira, pois o artista não achou necessário trazê-las para o acorde adequado; uma geralmente chia nos agudos mais altos, a outra nos graves mais baixos. Nos fueiros de madeira espetados ao redor do carro segue pendurada uma série de pequenas cabeças pretas à semelhança de tubos de órgão, entre elas a mãe agachada com as pernas cruzadas. De camisa branca e calças claras, carregando uma longa vara ereta nas mãos, o pai marcha na frente de seus bois, que apenas seguem a vara exposta e a seguiriam, mesmo que caíssem no abismo mais profundo. A família está a caminho de uma visita. Embora a estrada aqui ocupe a categoria de uma primeira rodovia, a construção pesada da carroça é muito profissional, uma assim nunca tomba, e mesmo que uma roda muitas vezes fique quase no ar, a outra se entranha ainda mais fundo na terra, e só é preciso tentar manter o equilíbrio, então não há perigo. O som alto dos guizos anuncia uma imagem diferente. Um longo comboio de bois surge no horizonte, envolvido por vários cavaleiros. É gado para abate, que é criado aos milhares na grande pastagem do planalto lá na Serra e depois tangido para o litoral para vender. A caravana vem em direção à venda, onde me encontro, os bois são conduzidos para o grande pasto cercado e os cavaleiros se ajuntam para descansar em frente à casa. Tal como está se desenrolando agora diante dos meus olhos, essa seria uma imagem para um pintor, essas figuras altas e vigorosas de rostos bronzeados pelo clima, além das roupas estranhas. Botas de montaria largas e pesadas chegam quase aos quadris, enquanto a parte superior do corpo está envolta no poncho listrado de cores vivas, um surpreendente tecido, em cujo centro foi cortado o orifício para a cabeça e que fica pendurado uniformemente sobre o peito, braços e costas, emprestando ao usuário uma aparência muito fantástica. O pesado poncho de tecido, forrado de flanela vermelha, ainda está amarrado à sela e só é utilizado quando chove ou usado como cobertor à noite. Profundamente descaído atrás da nuca, o grande chapéu frouxo permite uma visão livre das feições dos homens. Cabelos abundantes e bastas barbas negras emolduram o rosto, de modo que apenas os olhos escuros brilhantes faíscam sob a testa alta, enquanto o nariz adunco lembra o tipo judeu. Mas, olha aí, há uma outra cabeça entre eles, não pode ser um brasileiro. Esse cabelo dourado deslumbrante, embaixo um par de olhos azuis e uma tez que nem o sol do Brasil pôde arruinar. Veja, meu anfitrião parece ter feito a mesma descoberta que eu, pois ele fala com solicitude com o estranho, aponta para mim e, apenas um minuto depois, um respeitável saxão está na minha frente, um verdadeiro oriundo de Dresden. Querida língua materna, nunca teus sons me soaram mais doces do que agora, quando por dias apenas palavras ininteligíveis tocaram meus ouvidos, e também procuro compensar essa privação, fazendo tantas perguntas ao meu compatriota que meu simpático anfitrião mal pode alcançar seu objetivo de encontrar no alemão um intérprete de meus desejos. [...] (*Bosquejo de viagem*)

[...] Eine Ochsenkarosse naht. Die massiven Räder, welche den schweren Wagen fortrollen, werden nie eingeölt und singen deshalb jedes in seiner eigenen Weise, denn der Künstler hieilt es nicht für nötig, sie in richtigen Akkord zu bringen; so quiekt das eine oft in höchsten Diskant, das andere im tiefsten Baß. An den an den Wagen rund herum gesteckten Stangen hängt eine Menge kleiner Schwarzköpfe wie die Orgelpfeifen, zwischen ihnen die Mutter mit unterschlagenen Beinen hockend. In weißem Hemd und heller Hose, einen langen Stock aufrecht in den Händen tragend, marschiert der Vater vor seinen Ochsen, diese folgen nur dem vorgetragenen Stocke und würden ihm folgen, ginge es auch in den tiefsten Abgrund hinein. Die Familie ist auf einer Besuchsreise begriffen. Trotzdem die Straße hier den Rang einer ersten Chaussee einnimmt, ist doch der schwere Bau des Wagens sehr weise, ein solcher kann nie umfallen, und schwebt auch öfters das eine Rad beinahe in den Lüften, das andere bohrt sich um so tiefer in

die Erde hinein, und man muß nur die Balance zu halten suchen, dann hat's keine Gefahr. Lautes Schellengeläute verkündet ein anderes Bild. Ein langer Zug Ochsen kommt in Sicht, umschwärmt von mehreren Reitern. Es ist Schlachtvieh, welches auf dem großen Kamp der Hochebene des Serragebirges zu Tausenden gezogen und dann in das Küstenland zum Verkauf getrieben wird. Die Karawane lenkt nach der Venda, worin ich mich befinde, die Ochsen werden in den großen umzäunten Pasto getrieben, und die Reiter sammeln sich zur Rast vor dem Hause. Das wäre ein Bild für einen Maler, wie es sich jetzt vor meinen Augen entwickelt, diese hohen kräftigen Gestalten mit den wettergebräunten Gesichtern, dazu die fremdartige Kleidung. Schwere weite Reiterstiefel reichen fast bis an die Hüften, während den oberen Teil des Körpers der buntgestreifte Poncho umhüllt, ein schlagartiges Tuch, dem das Kopfloch in der Mitte eingeschnitten ist, und welches über Brust, Arme und Rücken gleichmäßig herabhängt und dem Träger ein sehr phantastisches Aussehen verleiht. Der schwere Tuchponcho mit rotem Flanell gefüttert ist noch auf den Sattel geschnallt und wird nur bei Regen umgehängt oder nachts als Decke benutzt. Tief in den Nacken geschoben läßt der große Schlapphut den freien Einblick in die Züge der Männer. Reiches Haar und üppige schwarze Bärte umrahmen das Gesicht, so daß unter der hohen Stirn nur die blitzenden dunkeln Augen hervorleuchten, während die scharf gebogene Nase an jüdischen Typus erinnert. Doch da ist ein anderer Kopf darunter, das kann kein Brasilianer sein. Dieses schillernde Goldhaar, darunter ein blaues Augenpaar und ein Teint, dem selbst die brasilianische Sonne nichts anhaben konnte. Sieh, mein Wirt scheint dieselbe Entdeckung gemacht zu haben, denn er redet eifrig mit dem Fremden, deutet auf mich, und kaum eine Minute später steht vor mir ein biederer Sachse, ein echtes Dresdener Kind. Teure Muttersprache, nie haben deine Laute mir süßer geklungen als jetzt, wo tagelang nur unverständliche Worte mein Ohr berührten, und ich suche mich auch für diese Entbeh rung durch so viel Fragen an den Landsmann zu entschädigen, daß mein freundlicher Wirt kaum seinen Zweck, in dem Deutschen einen Dolmetscher meiner Wünsche zu finden, erreichen kann. [...] (*Eine Reiseskizze*)

E, nesses momentos de convalescença, nesse permanecer obrigatório, outras experiências com a vida na colônia se sucedem e levam o eu narrador alemão à seguinte conclusão:

[...] Há uma magia especial nas terras, onde o sol sempre oferece seus raios tão calorosamente, uma feliz displicência dos habitantes dessas zonas, e nós, do Norte frio, sucumbimos com prazer a esse feitiço. Nem meu conterrâneo lá fora, nem o salgueiro às margens do Gravatá, já sabem quando é verão ou inverno, no meio das folhinhas coloridas que ele se esqueceu de deixar cair, os galhos verdes recém-brotados tremelicam, e eu mesmo acho que a primavera chegou de novo. Amanhã, quando o sol nascer outra vez atrás daquelas montanhas, partirei daqui, mas levo Gravatá como uma bela flor no buquê de minhas lembranças. (*Bosquejo de viagem*).

[...] Es liegt ein eigner Zauber über den Landen, wo immer die Sonne so warm ihre Strahlen spendet, eine glückliche Sorglosigkeit über den Bewohnern dieser Zonen, und wir aus dem kalten Norden verfallen so gern diesem Zauber. Mein Landsmann da draußen, der Weidenbaum am Ufer des Gravatá, weiß auch nicht mehr, wann Sommer oder Winter ist, neben den bunten Blättchen, die er abzuwerfen vergessen hat, zittern die frisch gesproßten grünen Zweige, und ich meine selbst, es sei wieder Frühling geworden. Morgen, wenn die Sonne sich wieder hinter jenen Bergen erhebt,

scheide ich von hier, aber Gravatá nehme ich als eine schöne Blume im Kranze meiner Erinnerungen. (*Eine Reiseskizze*).

3 Arremate

De um lado, no Norte, a civilização, a paisagem domada, previsível, comportamentos domesticados, tradições; de outro, no Sul, a força da natureza, a pujança, o calor, a imprevisibilidade, a impetuosidade para o bem e para o mal. Mas, ao que parece, os do Norte frio sucumbem com prazer aos feitiços e magias do Sul quente.

BRAZIL REFLECTED IN FEMALE AND IMMIGRANT LITERATURE

Abstract: This article recovers and analyzes the literary production of Ida Knoll (1835–1919), one of the first German-speaking immigrant women to publish in Brazil. Based on manuscripts and texts scattered across rare newspapers and almanacs, the study presents a largely forgotten literature marked by themes such as longing for the homeland, the contrast between Brazilian and German landscapes, festive traditions, daily life in German-speaking colonies, and cultural clashes experienced by immigrants. Through short stories and poems, Knoll constructs multifaceted images of Brazil in the late 19th and early 20th centuries, reflecting both the idealization of the lost homeland and the attempt to adapt to a new world. Her work, written in German and later translated, reveals a sensitive and critical perspective on social tensions, class inequalities, and dynamics of belonging. The study argues that this immigrant and female-authored literature constitutes an important historical and aesthetic record, offering a unique view of Brazil's cultural formation through the lens of foreign women.

Keywords: imagology; women's literature; Ida Knoll.

Referências

Franco, C. A. *Georg Knoll (1861-1940): vida e obra*. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2008. Disponível em:
<https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=27>. Acesso em: 26 jun. 2025.

GOMES, A. C.; VECCHI, C. A. *Estética romântica*: textos doutrinários comentados. Tradução: Maria Antonia S. Nunes, Duílio Colombini. São Paulo: Atlas, 1992.

RIBEIRO, P. S. G. Adoção à brasileira: uma análise sociojurídica. *Dataveni@*, São Paulo, ano 3, n. 18, ago. 1998. Disponível em:
<http://www.datavenia.inf.br/frame.artig.html>. Acesso em: 10 set. 1998.

RIBEIRO-DE-SOUZA, C. Apresentação. *In: FELIX, J.L. (org.). Contos de imigrantes alemães*. Bauru: Gradus; Assis: UNESP, 2022. p. 26-28.

RIBEIRO-DE-SOUZA, C. *Ida Knoll (1835-1919)*: vida e obra. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2024. Disponível em:

<https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=51>. Acesso em: 26 jun. 2025.

RIBEIRO-DE-SOUZA, C. Ainda imagologia? *In: RIBEIRO-DE-SOUZA, C. (org.). Imagens do Brasil: quantos espelhos?* São Paulo: Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP), 2025. p. 9-24.

ROMANO, G. Imagens da juventude na era moderna. *In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (org.). História dos jovens 2: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16.

Recebido em 22/04/2025

Aceito em 27/11/2025

Publicado em 23/12/2025